

Folkcomunicação, Campesinato e Cultura Popular¹

Filipe lima Silva²

Irenilda de Souza Lima³

José Ricardo dos Santos⁴

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

A cultura popular campesina está associada a existências de famílias de agricultores familiares que vivem num território de relações complexas evidenciado as formas de produzir alimentos, cultura associando-se a isso a luta pela valorização deste segmento. O objetivo geral deste trabalho é analisar as interfaces entre as culturas populares e a Folkcomunicação como estratégias de empoderamento do campesinato, e como objetos específicos a pretensão é considerar alguns conceitos que relacionam campesinato, Folkcomunicação e cultura popular vivenciada no meio rural. A pesquisa é exploratória de cunho bibliográfico na pretensão de ampliar as discussões em torno da Folkcomunicação e os estudos culturais como instrumento de promoção da interação, mas também de fortalecimento e emancipação para o campesinato.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Campesinato; Estudos Culturais.

INTRODUÇÃO

A Crise global e latino-americana que vem se instaurando tem trazido fortes consequências para a política e economia do Brasil, uma vez que o modelo capitalista reinante insurge através de sua capacidade fluída de moldar-se a novas realidades e de obter seus ganhos, ainda que seus atos intentem contra direitos humanos e políticas sociais já consolidados, porém, novamente ameaçados.

As novas intentadas das elites mundiais, convidadas a assistir processos democráticos e de inclusão social nunca antes visto na história da humanidade, tem retomado seguimentos reacionários e contrários à dignidade de grupos e povos tradicionais excluídos historicamente, contudo, incorrendo em risco de retrocessos.

A importância dessa temática para a realidade estudada parece se apresentar a partir da necessidade premente de estudos e investigações das peculiaridades e estratégias de

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Mestre da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil, filipemp2@hotmail.com.

³ Professora Doutora Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil, irenilima2@gmail.com.

⁴ Mestrando POSMEX - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil, riccardo_santos@yahoo.com.br.

comunicação que confirmam condições de resistência ao ambiente hostil proporcionado pelo sistema hegemônico. Por outro aspecto evidenciamos a resistência de segmentos portadores de patrimônios imateriais importante para a sociedade geral que são os agricultores ou camponeses.

Assim, a presente proposta pretende-se relevante para a aquisição e desenvolvimento de competências de maior nível para a transmissão das teorias vinculadas à cultura e à comunicação, bem como, de forma transdisciplinar (NICOLESCU, 2004), propor construções em diálogo com outras áreas do conhecimento como os estudos culturais, oriundos dos segmento denominado camponesinato, através de instrumentos de reflexão, análise, dialogicidade que nos instaure a pensar a sociedade de conhecimento para além do objetivismo, da unilateralidade ou de verdades unívocas, mas, que contribua para considerar aspectos múltiplos de fenômenos complexos e multidimensionais como o nosso desafio maior na construção de sociedade mais democráticas e mais justas.

Ao nos referirmos ao camponesinato, utilizamos o que Costa e Carvalho indicam como sendo um conjunto de famílias de agricultores familiares que vivem num determinado território:

Camponesinato é o conjunto de famílias camponesas existentes em um território. As famílias camponesas existem em territórios, isto é, no contexto de relações sociais que se expressam em regras de uso (instituições) das disponibilidades naturais (biomas e ecossistemas) e culturais (capacidades difusas internalizadas nas pessoas e aparatos infraestruturais tangíveis e intangíveis) de um dado espaço geográfico politicamente delimitado (COSTA e CARVALHO, 2012, p.113).

Neste trabalho associamos a riqueza da cultura popular evidenciada no camponesinato e a provável relação com as bases teóricas da Folkcomunicação. Assim, persegue-se mais intensamente compreender que processos comunicacionais pelos quais a cultura popular ou o folclore, por serem essenciais à sobrevivência e à resiliência da identidade camponesa, sejam percebidos como estratégias de construção identitárias e libertação do povo camponesino, a partir de uma linguagem de resistência como é a Folkcomunicação proposta por Luiz Beltrão (apud MARQUES DE MELO, 1987).

Surge-nos o problema: Como as interfaces culturais podem produzir a amálgama entre a Folkcomunicação e o camponesinato como estratégias de empoderamento e emancipação através do reforço à identidade do campo?

Buscando responder a tal problemática, traçamos como objetivo geral do presente trabalho analisar as interfaces entre as culturas populares e a Folkcomunicação como estratégias de empoderamento do camponesinato.

Como objetos específicos, propomos a pretensão é considerar alguns conceitos que relacionam campesinato, Folkcomunicação e cultura popular vivenciada no âmbito do rural. A pesquisa é exploratória, bibliográfica na pretensão de ampliar as discussões em torno da Folkcomunicação e os estudos culturais como instrumento de promoção da interação, mas também de fortalecimento do campesinato. Enquanto grupo que vive e produção no meio rural com a primeira função de produzir alimentos e garantir a segurança alimentar, mas que também está associado a produção de sentidos e de cultura.

METODOLOGIA

Este trabalho tem uma dimensão inter e transdisciplinar e trouxe à baila a teoria crítica marxista quanto à concepção de campesinato, a teoria da folkcomunicação e a estrutura conceitual da cultura campestre, epistemologias que envolvem os estudos rurais e culturais. Assim, observa-se que os estudos comunicacionais podem trazer elementos e estratégias para inclusão social que demonstrem o respeito e significação das histórias e vivências da cultura campestre.

A pesquisa pretendida é exploratória de cunho bibliográfico, e encontra bases epistemológicas do campesinato e da Folkcomunicação como elementos interligados. Assim, a pesquisa citada tem base nas reflexões de pensadores contemporâneos e em como estas podem contribuir para as proposições aqui dispostas sobre os sujeitos do meio rural, e que, ao mesmo tempo, avancem nas discussões com o objetivo de aumentar o nível de familiaridade do pesquisador com o tema de forma sistemática na literatura disponível.

Desta forma, para o desenvolvimento deste estudo, foram selecionados trabalhos anteriores relacionados ao campesinato, culturas populares e Folkcomunicação com o objetivo de manter uma pesquisa diversificada e globalizada que, de acordo com Furasté (2007), tornam melhores e mais profundos os resultados.

Por fim, encerrando a construção metodológica proposta, acresce-se aqui que as reflexões e investigações sobre os processos comunicacionais aqui dispostos são resultantes do Grupo de Pesquisa em Extensão Rural e Educação do Campo para o Desenvolvimento Sustentável ï RURALOGOS, vinculado ao POSMEX ï Programa de Mestrado de Extensão Rural e Desenvolvimento Local, entidades atuantes e pertencentes à Universidade Federal

Rural de Pernambuco e construtoras, através de redes de conhecimento, vínculos pessoais e institucionais, de estratégias de valorização da identidade dos povos do meio rural.

Identidade Camponesa

A compreensão da questão agrária no Brasil, em nossos dias, depende de considerá-la um fato que se constitui num momento determinado da história social e política do país e persiste ao longo do tempo, renovado e modificado. Constrói-se, assim, a possibilidade e a necessidade de uma análise sociológica, educacional e comunicacional que esteja atrelada à proposta de transformação social que não estejam ligados exclusivamente ao capital.

O conceito analítico de campesinato escolhido como norte da presente pesquisa toma as discussões de Marx e Engels para sua construção. Redfield (apud SHANIN, 2005, p. 2) aponta que a sociedade e a cultura camponesa têm algo de genérico em si (...) sendo uma organização da humanidade com semelhanças em todo o mundo enquanto Fei (apud SHANIN, 2005, p. 2) compreende o camponês como um modo de vida representando assim uma vasta gama de estudiosos do campesinato que o fazem mediante método sistemático e comparativo.

Contudo, Shanin (2005) afirma que, apesar de no decorrer da história termos encontrado diversas teorias das mudanças estruturais do campesinato nos sistemas nacionais ou internacionais, ao mesmo tempo, há a especificidade camponesa. Tal especificidade do campesinato tem sido afirmada a partir da maneira como as comunidades camponesas reagem a esses processos de generalização global e como estes nela se refletem.

Neste sentido Devemos pensar na construção de novas estratégias que visem à autonomia, emancipação e proteção da identidade Campesina de forma a nos libertar dos modelos tradicionais, conservadores reacionário e opressores. Para isso, propõe-se a construção de uma prática educativa que possa promover, reconhecer e restaurar os sujeitos das camadas sociais menos privilegiadas, bem como a dignidade de camponeses e camponesas, reconhecendo-os como sujeitos cognoscentes.

Para Costa e Carvalho (2012) o campesinato se revela como identidade de sujeitos sociais, atores sociais e de coletividade com ações voltadas para superação das relações de dominação e de subalternidade. Neste aspecto a linguagem dos excluídos se torna linguagem para emancipação quanto estão abrigados na perspectiva campesina.

Segundo Lima e Roux (2009), a diversidade e a multidimensionalidade das formas contemporâneas de opressão, degradação e conflito social requerem que a produção de conhecimento engajado possibilite fazer a interação das epistemologias particulares de cada campo de saber e de luta.

Estes preceitos podem ser colocados como princípio em todas as formas de apreensão de conhecimento. E encaixam-se nos princípios de aprendizagem significativa, que se ocupa dos processos de compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvidos na cognição. Esse processo tem origem no mundo dos significados do indivíduo e que permita a reelaboração, ou seja, a possibilidade de fazer a síntese entre a cultura formalizada e a cultura local, porém sem interferir na realidade através da violência cultural.

Logo, mostra-se imprescindível que a reconstituição, ainda que sucinta, da formação da identidade do campesinato brasileira seja observada no campo de estudo do presente trabalho por vir inserida neste contexto de buscas por práticas que considerem as posições socioculturais e identitárias dos camponeses, as quais ela se direciona, e dos seus processos de compreensão do mundo, relação com a natureza, experiências sociais, lutas, resistências, movimentos sociais e identidades.

Assim, ao conceituarmos culturas camponesas incluiremos as influências étnicas, relações cotidianas com a natureza, conhecimento empírico amplo, oralidade e prática, espiritualidade, religiosidade, estética, relações diversificadas de cooperação, forte predominância patriarcal, e relação família, comunidade e território (TARDIN, 2012, p.183).

José Maria Tardin (2012, p.183) aponta ainda que a identidade cultural camponesa implica em espiritualidade própria fruto da relação dos camponeses com a natureza traduzida numa estética de expressão variada, que se revela em músicas de estilos variados, danças, poética, teatro, bailes e festividades, instrumentos musicais, causos e contos, histórias e lendas, artesanato, artes plásticas, ritos, mitos e outros.

Observe-se que, de maneira geral, há a necessidade de uma ruptura de paradigmas e nela uma maior e mais eficaz proteção dos direitos da população do campo, os quais podem ser estendidos ao campesinato através da perspectiva ético-político de libertação das comunidades rurais oprimidas com base na viabilização da vida e que compreenda a dignidade da pessoa humana. Faz-se necessário a construção de um aporte teórico que compreenda as lutas, conquistas sociais e políticas que dão azo à dialética social entre as

forças da hegemonia do capital e outras óticas, ideologias e estilos de vida, produção e existência.

A Folkcomunicação com base no campesinato pode corroborar aos estudos que visam um projeto de desenvolvimento nacional que faça surgir à plena cidadania e reduza os problemas agravantes existentes na sociedade brasileira, mediante concepções e princípios de reforço da identidade do campo.

Logo, a construção de um aporte epistemológico entre o campesinato e a folkcomunicação, dentre tantos temas que podem ser estudados, mostram-se de crucial importância às discussões que orbitam em torno do folclore e da cultura por serem essenciais à sobrevivência e à resiliência da identidade campesina pertencendo predominantemente às características que envolvem os Estudos Culturais, uma vez que são:

A identificação explícita das culturas vividas como um projeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas de nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; e a insistência em que o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo anti, disciplinar (SCHWARZ, 1994, p. 380 apud FAQUERI, 2011, p. 2).

Compreender a cultura popular implica no fato dela implicar nos conflitos entre a cultura hegemônica e a cultura popular, através de um processo quase simbiótico, no qual se mostram interpenetrados e que envolvem fenômenos comunicativos e/ou econômicos e sociais. Tais fenômenos são inerentes à estrutura da sociedade e ao sistema de produção como o questionamento e a narcotização, bem como a integração interpenetração, encobrimento, dissimulação e amortecimento das contradições sociais, sem contar com a oralidade, o tradicionalismo e o analfabetismo (CANCLINI, 1997).

Assim, a cultura passa ter um condão importante nesse conflito de interesses e na manutenção do contra-hegemônico, uma vez que, segundo Sebastião Vila Nova (1985), pode ser compreendida como conhecimentos, técnicas de transformação da natureza, valores, crenças de todo tipo, normas, ou seja, o modo de vida próprio de cada povo. Desta feita, a razão do destaque para cultura como elemento de valorização da identidade campesina pode ser facilmente identificada em Carlos Rodrigues Brandão (2007, p. 25), para quem a cultura é:

Tudo o que existe transformado da natureza pelo trabalho do homem e significado pela sua consciência é uma parte de sua cultura: o pote de barro, as palavras da tribo, a tecnologia da agricultura, da caça ou da pesca, o estilo dos gestos do corpo nos atos do amor, o sistema de crenças religiosas, as

estórias da história que explica quem aquela gente é e de onde veio, as técnicas e situações de transmissão do saber.

Importa assumir que a cultura brasileira pode ser interpretada a partir de uma linguagem de resistência e de identidade local conforme indicava Beltrão na sua concepção de folkcomunicação (MARQUES DE MELO, 1987). Para Marques de Melo (1978) a folkcomunicação é um campo de estudo que vem sendo fortalecido e atualizado, justamente pela permanência de uma sociedade de classes que comporta um estudo de comunicação sobre as formas de sentir e agir dos segmentos economicamente pauperizados, das comunidades situadas na marginalidade cultural ou dos grupos que padecem a segregação política. Assim vale o que diz Hohlfeldt (2008, p.82) sobre folkcomunicação, que pode ser entendida como:

O estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos.

Neste sentido Chauí (apud TAUKE SANTOS; RODRIGUES; VUMA, 2009, p. 85), afirma que a construção da cidadania passa pelo direito não apenas à alimentação, à habitação, mas pelo acesso à informação, à fruição, à participação, à criação e a produção cultural. Esse processo traduz-se no empoderamento das comunidades camponesas que pode ser compreendido como dar poder; ativar a potencialidade criativa; desenvolver a potencialidade criativa do sujeito; e dinamizar a potencialidade do sujeito (FREIRE; SHOR, 1986, p. 10). Empoderar, nessa perspectiva, significa os indivíduos e as comunidades conquistarem vez e voz, bem como, ter autonomia e capacidade de fazer suas próprias escolhas culturais, políticas e econômicas, tomar parte nas decisões que lhes dizem respeito (LISBOA, 2000 apud HOROCHOVSKI, 2006, p. 15).

O reconhecimento da importância da agricultura familiar para o desenvolvimento brasileiro deve estar evidente nos centros acadêmicos e, em especial, nas universidades públicas que promovem espaços de estudos e pesquisas que contemplem os aspectos ligados a estes sujeitos do meio rural. Neste enfoque de estudo e pesquisa estão contemplados os povos tradicionais e, por consequência a cultura camponesa inerente às vivências dos camponeses.

CONCLUSÃO

No atendimento ao objetivo de analisar as interfaces entre as culturas populares e a Folkcomunicação como estratégias de empoderamento do campesinato evidenciamos que a cultura popular campesina, reveste-se de uma forma de linguagem de luta e resistência no fortalecimento de sua identidade quando nos referimos aos agricultores tradicionais que habitam em territórios vividos em todos os aspectos: produção, reprodução, política, economia, socialização e manifestações culturais.

Essa cultura campesina tem linguagem peculiar e formas de comunicação que lhes diferenciam dos demais segmentos e estão associados a formas de resistência. E assim, possuem elementos que podem ser explicados com os aportes teóricos da Folkcomunicação e que essa relação mostra-se como forte estratégia de empoderamento e emancipação do campesinato através do reforço de sua identidade e raízes culturais do meio rural.

Neste aspecto de estudo e pesquisa o percurso deste projeto iniciou-se com um estudo dos pressupostos teóricos do problema e da análise dos fundamentos que possam respaldar a possibilidade do conceito historicamente construído de campesinato coadunar às construções da teoria folkcomunicacional, contudo, reclama-se para alicerçar e consubstanciar tais ponderações o acréscimo das culturas populares enquanto fenômeno que implica processos de dominação e resistência que consigam dar azo à construção científica proposta.

Claro faz-se a importância do campesinato nas lutas de classe por democracia e Direitos Humanos, pois, o sistema hegemônico se baseia no capital e impele os camponeses à pobreza, à ignorância e à miséria e a uma existência desprovida de direitos. A opressão dos capitalistas, latifundiários e comerciantes gera fatalmente a indignação entre as amplas massas.

Observou-se a necessidade de uma ruptura de paradigmas e nela uma maior e mais eficaz proteção da identidade campesina e, conseqüentemente das comunidades rurais oprimidas com base na viabilização da vida e que compreende a dignidade da pessoa humana e a ética, mostrando que o problema exige um viés comunicacional que passa a ser importante para a realidade estudada.

Por fim, enfatiza-se que o texto aqui proposto busca ampliar as discussões em torno da interculturalidade como instrumento de promoção da interação, mas também de libertação para o campesinato, almejando a produção de conhecimento de forma dinâmica e

com intercâmbio com outros pesquisadores, bem como a construção, valorização e/ou divulgação de redes de pesquisas e produções acadêmicas que envolvam o campesinato a folkcomunicação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O Que é Educação?**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COSTA, F. A; CARVALHO, H. M. Campesinato. In CALDART, R. S. ET AL. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular. 2012.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

FAQUERI, R. F. **A Voz do Subalterno em A Resposta, De Kathryn Stockett**. Cadernos de Pós Graduação em Letras (Online), v. 11, p. 1, 2011.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FURASTÉ, P. A. **Normas técnicas para o trabalho científico**: elaboração e formatação. Porto Alegre: s/n, 2007.

HOHFELDT, A. **Contribuições aos estudos acadêmicos de comunicação social**. In: MARQUES DE MELO, J; TRIGUEIRO, O. M. Luiz Beltrão: Pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária da UEPB; INTERCOM, 2008.

HOROCHOVSKI, R. R. **Empoderamento**: definições e aplicações. In: 30º Encontro Nacional da ANPOCS, 2006, Caxambu. 30º Encontro Nacional da ANPOCS - Programação e resumo, 2006.

LIMA, I. S.; ROUX, B. As Estratégias de Comunicação nas Políticas Públicas de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar no Brasil. In: Gustavo Gimadereilla. (Org.). **Comunicacion Tecnologia y desarrollo trayectorias**. Argentina: 2009, v. 1.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom. 2004.

SHANIN, T. **A definição de camponês**: conceituações e desconceituações i o velho e o novo em uma discussão marxista. Revista Nera, ano 8, n. 7, Julho/Dezembro de 2005.

TARDIN, J. M. Cultura Camponesa. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

TAUK SANTOS, M. S.; RODRIGUES, A. S. A; VUMA, S. Z. Políticas Públicas de Cultura e consumo cultural de pescadores artesanais no Brasil. In: CALLOU, A. B. F.; TAUKE SANTOS, M. S.; GEHLEN, V. R. F. (Orgs). **Comunicação, Gênero e Cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas**. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2009.

VILA NOVA, S. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Atlas, 1985.